



JAVIER CASTILLO

**O DIA
EM QUE
PERDEMOS
O AMOR**

Tradução de
RITA CUSTÓDIO e ÀLEX TARRADELLAS



*Para a Verónica, o meu universo,
por quem nunca perderei o amor.*

*E para a Gala, a minha pequena sonhadora,
que irremediavelmente
já me fez perder a cabeça.*

*No fim do caminho, descobrirás que só há
duas coisas que mudam na tua vida:
o amor, porque a melhora,
e a morte, porque a termina.*

INTRODUÇÃO

Nova Iorque, 14 de Dezembro de 2014

Eram dez da manhã do dia 14 de Dezembro. Um pé descalço pisou o asfalto de Nova Iorque e uma sombra feminina desenhou-se à sua frente. O outro pé pousou com cuidado, tocando no chão com os seus finos dedos cheios de sujidade. Estava nua, com a pele pálida, as pernas e os pés enegrecidos e o seu comprido cabelo castanho a dançar ao som do trânsito. A cintura bamboleava suavemente de um lado para o outro a cada passo que dava; andava devagar, como se não quisesse fazer barulho. A rapariga atravessava a estrada enquanto os veículos lhe tocavam levemente, fazendo o seu coração vibrar. Parou um segundo a meio da faixa central e observou um autocarro dar uma guinada para se desviar dela no último momento.

Sorriu.

Uma mulher que andava pelo passeio com o filho pequeno tapou-lhe os olhos. As buzínadelas dos veículos que deparavam com ela começaram a ser ensurdecadoras, e havia cada vez mais curiosos a observar a cena, boquiabertos. Um motorista desviou-se para um lado da estrada para não a atropelar, deslizando pela calçada e fazendo embater a moto contra um carro que estava estacionado.

Os automóveis avançavam pela avenida, como fulminantes máquinas aplanadoras, embora nenhum tenha tocado nela. Nesse momento, o trânsito na cidade era rápido, mas ela chegou ao outro

lado, e, ao pôr um pé no passeio, ficou com pele de galinha por todo o corpo ao ver que vários agentes do FBI já haviam aparecido para a cobrir e deter. Alguns até lhe apontavam a pistola, julgando que talvez estivesse armada, mas a rapariga sorriu-lhes e negou com a cabeça.

— Não seriam capazes — disse.

Um lançou-se sobre ela com uma camisa verde para lhe tapar o corpo nu, mas a rapariga levantou o braço direito mostrando uns papéis na mão.

— Alto! — gritou um deles.

Ela fitou-o e sorriu-lhe. Um instante depois, abriu a mão, e os papéis amarelados começaram a planar até chegarem ao chão, uns mais rápidos, outros mais lentos, travando com o vento e dançando pelo caminho, mas todos com a intenção de mudar a história.

CAPÍTULO 1

BOWRING

Nova Iorque, 14 de Dezembro de 2014

— E dizes que apareceu aqui nua? — disse o inspector Bowring com um ar incrédulo e um sorriso jocoso enquanto avançava pelo corredor.

— Sim, senhor — respondeu o ajudante.

— E detiveram-na?

— Alteração da ordem pública, senhor. Coisa de pouca monta, mas também tem sinais de agressão. Apresenta arranhões nos braços e nas costas.

— Uma exibicionista com perturbações. Foi para isto que me chamaram? Sabem que à sextas-feiras à tarde me despeço para não voltar.

— Há outra coisa, senhor — disse o ajudante arqueando as sobrancelhas com um ar preocupado.

— O quê?

— Acho que é melhor ver com os seus próprios olhos.

O inspector Bowring não gostava de surpresas. Odiava a maneira como o transportavam sempre para um lugar inesperado ou lhe arranjavam problemas. Aquilo que procurava era o tédio, perseguia-o de forma premeditada, mas este tinha o hábito de lhe fugir sempre que tentava alcançá-lo. Nesse dia, sem ir mais longe, pensava passar a tarde em casa a rever e a observar uma folha de selos sem valor

que acabara de lhe chegar às mãos. Com entusiasmo, depositara-a no dia anterior em cima da mesa do ateliê, juntamente com a proeminente lupa fixa, os óculos-lupa, a lupa conta-fios, o candeeiro com lupa e todos os outros objectos a que se pudesse juntar uma lupa. Uma folha completa, de uma tiragem numerosa, de um selo amplamente utilizado na última década. «Não há nada melhor para perder o tempo», dizia para si. Agora que o seu ajudante o observava com olhos de preocupação, intuía que o seu plano perfeito para matar o tempo estava prestes a esfumar-se.

Bowring caminhou ao pé dele, um pouco tenso. O secretismo exasperava-o, mas a solidariedade de uma pergunta sem resposta deixava-lhe sempre uma boa sensação.

— Em que sala está?

— Na 3E. A que fica junto ao esgoto.

— Não tinham levado os arquivos de desaparecimentos para essa sala?

— Sim, chefe.

— E como querem interrogá-la ali?

— Tirámos algumas estantes para caber uma mesa e duas cadeiras. Assim já serve de sala de interrogatórios. Não tivemos tempo para eliminar muita coisa. Ainda lá estão umas quantas estantes com arquivos, mas há espaço suficiente.

— E porque raio fizeram isso?

— Foi ela que pediu.

— Quem?

— A exibicionista, chefe.

— Vamos lá ver se estou a perceber bem. Estás a dizer-me que moveram os arquivos policiais para reutilizarem uma sala de interrogatórios que estava há quase vinte anos sem ser usada, à qual por acaso demos outra utilidade há uma semana, porque uma louca exibicionista vos pediu?

— Não está a perceber, senhor — disse nervoso e um pouco preocupado. — Julga que sabe o que vai acontecer.

— O quê?

— O futuro. Ela diz que julga saber o que vai acontecer. Contou-nos que é importante para todos nós que seja nessa sala.

Bowring ficou em silêncio. Sempre criticara a deterioração que o treino do FBI havia sofrido, permitindo que jovens como Leonard, desastrados, ingênuos e manipuláveis, chegassem a fazer parte do corpo policial. Leonard caminhou ao pé dele, observando-o pelo canto do olho enquanto engolia em seco.

Quando chegaram à sala 3E, Bowring espreitou pela janela pequena da porta. O interior era um desastre total. Havia estantes cheias de processos antigos, várias mesas com papéis por todo o lado, cadeiras vermelhas empilhadas num canto. Qualquer um teria deduzido imediatamente que não era uma sala para manter detido nenhum suspeito. Havia caixas empilhadas pelo chão de cujo interior saíam papéis e sacos transparentes numerados que guardavam provas de alguns casos. Mas o que mais chamou a atenção de Bowring não foi a evidente desordem da sala, mas a absoluta tranquilidade com que uma jovem morena o esperava sentada a fitá-lo. Tinha vinte e poucos anos e um cabelo castanho comprido que lhe caía embaraçado sobre uma camisa verde que revelava uma absoluta falta de tecido e de dignidade. Havia outra cadeira à frente dela, vazia, e Bowring viu a sua tarde a rever curiosidades filatélicas desvanecer-se definitivamente. O inspector virou-se com um olhar de incredulidade.

— Mas que diabo lhe vestiram?

— A primeira coisa que encontrámos, chefe. Uma camisa do agente Ramírez. Já sabe, com o tamanho dela, julgámos que ficaria completamente tapada. — Leonard sorriu.

— Arranja roupa de mulher. Um vestido ou uma camisola e umas calças de ganga, mas não me lixem vestindo-a assim.

— Vou já tratar disso, inspector — disse, preocupado. — Mas tome isto, vai precisar.

Leonard tirou um maço de papelinhos das calças. À primeira vista, pareciam cartões-de-visita que o tempo, sobretudo o mau tempo, teria deteriorado ao ponto de gastar os bordos e corroer a tinta que se amontoava no meio.

— O que é isto? — perguntou o inspector.

— Pelos vistos, foi ela que os escreveu. Cada um tem o nome de uma pessoa e uma data. Já estamos a tentar verificar quem são, mas ainda não apurámos nada.

— E não vos disse o que significam? Talvez sejam encontros com os seus amantes.

— Não vai acreditar, chefe — disse Leonard, inseguro.

— O que foi?

— Ela diz que vão morrer.

— O quê?

— Foi por isso que o chamámos. É tudo muito estranho.

O inspector deu uma olhadela ao primeiro daqueles bilhetes: «Susan Atkins, Dezembro de 2014.»

— Susan Atkins? Este nome soa-me a qualquer coisa.

— Já verificámos. Temos mais de mil e quatrocentas ocorrências e estamos a apertar o cerco. Só em Manhattan, há mais de oitenta «Susan Atkins».

— Este nome não me é nada estranho. Não estará relacionado com algum caso dos últimos anos?

— Se quiser posso ver, chefe. Eu trato disso.

— Está bem. Informa-me de tudo assim que descobrires alguma coisa. O que sabemos dos outros nomes?

— Mais do mesmo. Demasiado comuns para conseguirmos identificar alguém.

— E a data? — insistiu. — Dezembro de 2014.

— Bem, estamos em Dezembro de 2014.

— Já sei que estamos em Dezembro. — O inspector mordeu a língua para não lhe chamar idiota. — Estou a tentar perceber se sabem o que significa.

— Não fazemos a menor ideia.

— Está bem. Pira-te e vê lá se arranjas roupa para ela se trocar. Se a imprensa sabe que a mascaraste assim, vamos ser os bobos da corte.

— Vou já tratar disso, chefe.

Leonard afastou-se, acelerando o passo. Por sua vez, o inspector Bowring Bowring, cujo nome e apelido coincidente haviam sido alvo de troça constante quando entrara no corpo policial, ficou a pensar no conteúdo dos bilhetes. Um nome comum num papel amarelado do tamanho de um cartão-de-visita. «A que é que isto tudo me soa?», disse para si.

Mergulhou na escuridão de um habitáculo contíguo que permitia observar os interrogatórios através de uma janela com um espelho falso, fechou a porta atrás de si com a meticulosidade com que estudava os selos e afastou, com a mesma delicadeza, vários papéis que estavam espalhados em cima de uma mesa de metal com restos de café e cinza. Levantou o olhar para a detida, com a intenção de observar os seus movimentos e o seu comportamento antes de seguir a rotina, e, nesse instante, a jovem fitou-o.

Bowring ficou surpreendido com a impressão que essa troca de olhares fortuita com ela lhe causou, já que o espelho que os separava fazia com que fosse impossível a rapariga vê-lo. Mas o acaso partilha o defeito da ambiguidade com o destino, e a sensação que o invadiu ao encontrar-se com aquele olhar bloqueou-o enquanto aqueles olhos cor de mel continuaram cravados nas profundezas de si próprio. «Calma, Bowring», disse para si. «Já não tens idade para estes disparates.»

A jovem baixou o olhar após uns segundos e afastou o cabelo castanho com a suavidade permitida por umas mãos sujas, deixando à vista umas maçãs do rosto brancas arredondadas, uma tela perfeita para as três sardas que simulavam uma constelação difusa na face esquerda e que destacavam, com absoluta clareza, a escuridão de umas olheiras acinzentadas.

A parcimónia com que a detida mexia as mãos pela mesa e a forma como aqueles olhos de mel deslizavam pelo mobiliário, pela janela e pelo espelho que tinha à sua frente, como se já tivesse estado antes na sala, chamaram a atenção de Bowring. «Uma louca», pensou. «Espero que seja rápido.» Decidido, pegou no bilhete e respirou fundo, um gesto que sempre o ajudara a suportar a tensão dos interrogatórios. Por mais insignificante que fosse, era a coisa que mais odiava, já que as mentiras se construía com a mesma facilidade que as verdades, e cada palavra se devia medir, cada acusação suportar e cada gesto analisar sobre pilares de hipóteses infundadas. Saiu do habitáculo e parou à porta da sala de interrogatórios. Apalpou com a ponta do polegar o canto irregular dos bilhetes e, com a mão direita, pegou na maçaneta com o protocolo de quem espera chegar a casa para o lanche.

Sem hesitar nem mais um segundo, abriu.

CAPÍTULO 2

JACOB

Nova Iorque, 14 de Dezembro de 2014

Endireito-me na cama, quase a tremer, e amaldiçoo-me por esse pesadelo interminável. Quanto tempo tem de passar? Já decorreu quase um ano. Ainda é de noite, e a luz da casa de banho está acesa, projectando-se num firme fio que se escapa da porta até à cama. Ouve-se o movimento delicado da água a correr no chuveiro e uma harmoniosa entoação feminina trauteia algo das Andrew Sisters. De vez em quando substitui-a pela letra da canção ao som da qual dançámos ontem à noite em frente à lareira. Um copo de vinho, um bambolear delicioso e umas carícias furtivas; a vida como nunca a imaginei.

Levanto-me e empurro levemente a porta da casa de banho. Ao abrir-se, sinto a íris contrair-se com o esforço, e, após uns instantes de adaptação através de uma névoa espessa de claridade, ali está ela. A visão translúcida do seu corpo nu atrás da divisória coberta de vapor deixa-me fascinado. Bamboleia-se enquanto trauteia, derretendo a minha alma a cada suave e perfeito movimento de anca. Meu Deus, amo-a tanto.

Deixo-a cantar e desfrutar do seu banho matinal e caminho descalço pela sala para apagar os restos da noite: mexo as brasas, que permanecem quentes na lareira, levanto a agulha do giradiscos, que continua a girar sobre o final de um LP, recolho os dois

copos de vinho por terminar. Há uma blusa e umas calças de ganga no sofá, um *soutien* em cima do telefone, a minha camisola no chão e a minha felicidade ainda a flutuar no ar.

Paro em frente do telefone, que mostra que ontem à noite recebi duas mensagens que piscam, enquanto eu e a Amanda nos perdíamos um no outro. Sem pensar muito, primo no botão para ouvir a primeira e, após uns segundos em que o aparelho fica a matutar, inicia-se a sua locução: «Olá, Sr. Frost. Daqui fala a Anne Spencer, estamos a ligar-lhe do *Herald Tribune*. Gostaríamos muito de poder falar consigo sobre o que viveu...».

Antes de continuar a perder tempo — todos os dias temos mais de dez jornalistas atrás de nós —, carrego no botão para apagar, como quem esmaga um mosquito, e aparece automaticamente a segunda mensagem. De início não se ouve nada, mas presto atenção e ouço uma leve respiração vinda do auscultador. Uma respiração agitada, na qual cada arquejo alterna com o silêncio mais absoluto, levando-me cada vez mais, a cada vazio, rumo aos meus receios. Passa-me pela cabeça a ideia de se tratar de um fã obsessivo que conseguiu o nosso número, mas sou invadido por uma sensação de pânico quando a respiração pára e ouço essa doce voz feminina: «Dentro de pouco tempo vai terminar, Jacob.» Depois destas sete palavras, a chamada termina, e surge do nada um mecânico «não tem mais mensagens».

«Não pode ser», digo para mim e abro os olhos com medo. «Amanda? É a voz da Amanda? Será que enlouqueci?» É tão parecida com a sua voz que sou invadido por uma mistura de amor e de medo. O meu coração começa a palpitar de tal forma que o meu pulso treme e não consigo evitar cerrar o punho para o controlar. O que vai terminar? A que se refere? Quem é? A última vez que ouvi esta voz foi naquela mansão e agora nem sequer sei se foi real ou o meu próprio eu à procura de uma desculpa para ligar ao Steven e precipitar tudo. Naquele momento, chorei pela proximidade da morte, e neste instante, longe de me perder entre lágrimas, sou invadido

por um ódio fulminante por mim próprio. «Claudia Jenkins. Nunca a esqueças, a tua vítima inocente. Nunca ninguém te diz quanto pesa um cadáver», li isso em algum lado.

Verifico de novo o atendedor e revejo a lista de chamadas perdidas. Número anónimo. Passo pelas chamadas dos últimos dias, e todas têm os seus malditos números, excepto esta. Não pode ser coincidência.

— Bom dia — surpreende-me a Amanda do umbral da porta.

É impressionante o que a sua simples presença me faz sentir. A sua solenidade perfeita inunda a sala de alfazema, e o seu sorriso maroto e frágil transforma-me subitamente num simples observador do meu próprio fascínio. Não pretendo preocupá-la. Nem pensar. Já passou por situações suficientes a ser durante muito tempo quem não era.

— A que horas te levantaste? — pergunto enquanto me observa de cima a baixo, ao mesmo tempo que me afasto do atendedor de chamadas e me aproximo da sua cintura.

— Às seis. Estava nervosa, por isso decidi tomar um longo banho quente.

Tem o cabelo molhado e as suas faces destacam as suas três sardas perfeitas de Oríon. Vestiu umas calças de ganga e o *soutien*, mas caminha descalça pelo tapete. A simples ideia de lhe poder acontecer alguma coisa perturba-me. Passei tantos anos à procura dela que não suportaria o menor arranhão num dos seus finos cabelos. Aperto-a contra mim com um abraço e perco-me por uns instantes na humidade perfumada do seu pescoço.

— Sabes que te amo, não sabes? — digo com um sorriso.

— E eu a ti, tontinho — responde-me enquanto me fita a uns escassos dez centímetros. — O que se passa? Nunca me tinhas perguntado isso. Simplesmente dizias-me.

— A mim? Nada. — Minto. — É que não quero que o esqueças.

— Isso nunca vai acontecer, idiota.

— É hoje. Estás preparada? Tenho a certeza de que o teu pai tem a mesma vontade de te ver que tu a ele.

— Para dizer a verdade, estou ansiosa. Foram muitos anos sem ele, e fiz tanto por mim que quero recuperar o tempo perdido. Agora que permitem as visitas, quero ir vê-lo todos os dias, ouvir as suas histórias, dar-lhe a mão a cada segundo.

— As suas histórias não serão bonitas, Amanda.

— As suas histórias serão o seu amor por mim. Não poderão ser melhores.

Não respondo. O que o Steven fez foi destruir a vida de centenas de famílias durante anos. É impossível distinguir a bondade dos seus motivos por entre tanta maldade. A máscara que pomos acaba por se sujar, colando-se à pele, e com o tempo apercebemo-nos de que se nos incrustou no corpo e de que somos assim. Será que o que eu fiz naquela casa é bom?

— E a tua mãe? Quando vais voltar a vê-la? — insisto.

— Não sei. Não sei se estou preparada para tentar de novo.

— Não te subestimes. A tua mãe vai acabar por te reconhecer.

És uma mulher impressionante.

Assente, mas apercebo-me de que toquei num tema difícil.

— Acho que vou odiar o momento em que voltares para o FBI — digo, mudando de assunto para algo que sei que a motiva. — Não suportarei não passar todo este tempo contigo.

— Sabes que tenho de voltar... a minha licença termina dentro de pouco tempo.

— Já se passou um ano? — pergunto, como se não me tivesse dado conta. Na verdade, não parei de olhar para o calendário, desejando que as folhas deixassem de cair. — Podíamos mudar de vida. Afastarmo-nos para sempre desse mundo.

— Agora também é o meu mundo. Aliás, durante muitos anos foi o meu único mundo. Preciso de sentir que não perdi tanto tempo da minha vida. Para além disso, gosto.

Sorriso-lhe. Adoro ver que tem essa paixão por algo. Fica-lhe bem.

— Esta noite, depois de ires ver o teu pai, podíamos celebrar o teu regresso ao corpo policial.

— Dentro de pouco tempo também se terá passado um ano desde a morte da Laura. Não quero celebrar nada estando o aniversário de tudo o que aconteceu tão próximo. Esses bilhetes a aparecerem e a sentenciarem a morte a mulheres por causa dos sonhos de uma louca, o envolvimento do Dr. Jenkins... Ainda bem que a Laura já não está presente. Não sabes quanto me alegro por tudo aquilo ter terminado. Os asteriscos, os Sete... Não quero saber nada disso. Por causa deles, o meu pai está preso e a minha mãe está assim. Só quero que o tempo passe e, se tivermos de celebrar alguma coisa, que seja na cama. Há muitos anos para recuperar.

— Não consigo pensar num plano melhor — sussurro-lhe e dou-lhe um beijo. Abraça-me e, quando me vai devolver o sussurro ao ouvido, agarra-me com força no antebraço apertando-mo com os seus dedos de felina.

— O que é isso?! — diz, levantando o olhar por cima do meu ombro.

Viro-me e, sem saber porquê, tenho medo do que possa haver atrás de mim. Como se tivesse aparecido do nada ou tivesse estado alheio à minha vista, escondido entre os restos da nossa noite, emergem os meus medos mais profundos: uma espiral negra ocupa uma das paredes da sala, com o fulminante objectivo de dinamitar o meu mundo.